

ANA RITA ANDRADE

"A indiferença não me serve nem na vida nem nos desenhos"

Na advocacia e na ilustração a sua força motriz passa pela satisfação de poder fazer os outros um pouco mais felizes

TEXTO REBECA RIBEIRO SILVA FOTOS MADALENA ALEIXO

Muito cedo foi obrigada a optar pelas artes ou humanidades. Escolheu a advocacia, alimentando a ideia de que as duas atividades seriam compatíveis. Rapidamente percebeu que não. Mas não se arrepende, o Direito é a sua paixão "Tem tudo a ver comigo. Gosto de mudar as coisas, de defender aquilo em que acredito", comenta. Já o seu talento inato para desenhar faz de Ana Rita Andrade uma "ilustradora nas horas vagas", como ela própria se designa.

DEFENDER COM ÉTICA

Quando seguiu Direito, sabia que seria necessário muito estudo e muitas horas dedicadas à profissão pelo exemplo que sempre teve do pai, que é advogado. O que não imaginava era que o "mundo" fosse tão difícil de transformar. "Não me desiludi com a profissão. Desiludi-me comigo. Sou uma peça mais pequena do que aquela que imaginara", comenta. Ainda assim, poder mudar as histórias da vida dos clientes são pequenas vitórias que a enchem de satisfação.

Ainda que seja uma "peça do puzzle" da SRS Advogados, orgulha-se de nunca ter defendido uma causa em que não acreditasse. "Sempre olhei para a profissão de uma forma muito ética. Temos de defender os nossos clientes no limite das possibilidades que a lei nos dá. As pessoas nunca têm razão a preto e branco, têm a cinzento. E aos advogados compete usar todo esse espectro de cor", comenta.

É o gosto pela defesa que a fascina. "Por isso é que sou advogada e não sou juiz. Um juiz tem de estar distante, e eu não crio distância, mas proximidade pela causa do cliente", afirma com convicção. "Eu jogo com as armas que tenho, que a lei me dá. Armas limpas. Até agora nunca me pesou a consciência em ninguém que tenha defendido". Há muito afastada dos tribunais,



hoje trabalha em direito da concorrência. Sente pena de ter perdido a teatralidade da barra, mas a falta de imediatismo dá-lhe tempo para pensar sem estar pressionada, e assim poder encontrar a melhor solução.

MEMÓRIAS DA BARRA

Dos tempos de estagiária guarda boas memórias. "Eram os casos mais 'loucos' os que vinham parar aos advogados estagiários", comenta com um sorriso rasgado que deixa antever histórias caricatas.

Um imigrante de Cabo Verde estava a trabalhar na construção civil em Beja. A

dada altura informaram-no de que a carta de condução que possuía não seria válida em Portugal e que a troca de 600 euros o assunto seria resolvido. Assim fizeram, trouxeram-lhe uma carta com uma fotografia, com a qual ele andou cinco anos. Entretanto, o senhor mudou-se para Lisboa, e algum tempo depois foi mandado parar numa operação stop na Ponte 25 de Abril. Uma vez que a morada da carta não coincidia com a morada de residência, o polícia informou-o de que teria de se dirigir à Direção-Geral de Viação para atualizar os dados. O senhor assim fez; não

sabendo estar perante uma carta falsa, ele próprio a entregou para alterar a morada. "Resultado: conduzia sem um título válido e foi condenado com pena suspensa. Emocionou-me. Coitado, tão diligente, e a lei não conseguiu ver essa pequena nuance", comenta Ana Rita Andrade.

De seguida recorda a história de um senhor cuja filha trabalhava num café e em que o dono do café gritou com a rapariga à frente dos clientes. Em defesa da filha, o senhor foi ao café e, "possesso", bateu com os punhos numa pequena vitrina de vidro, rachando-a. "Foi espantoso ver as empregadas a descreverem a quantidade de sobremesas que estavam na vitrina. Diziam que havia sobremesas de pé, para aumentar os danos dos prejuízos. Eu olhava para o outro advogado e para a juiz. Até que o juiz confronta a testemunha: 'A senhora não está a insinuar que um pírex com esses centímetros cabe dentro da vitrina que foi descrita!?'", conta.

DESENHAR, PINTAR, ILUSTRAR

Desde cedo que teve talento para desenhar. "Quando íamos a algum restaurante, desenhava sempre o papel das mesas. Então, o meu pai dava-me desafios, dizia-me para criar um crocodilo a andar de patins ou um rato na Lua. E eu, com cinco anos, pensava 'mas como é que eu vou desenhar isto?!'", recorda, ao mesmo tempo que elogia o incentivo que os pais lhe deram.

Ao contrário de muitos pintores, Ana Rita Andrade não desenha para si, mas para os outros. "Preciso de uma desculpa para pintar. Dizem-me, por exemplo, 'a Ana do 4.º andar faz anos amanhã, queres fazer um boneco?'. Para mim, o desenho é para fazer qualquer coisa especial para os outros", comenta.

E assim foi crescendo a sua arte, motivada pelos pedidos de amigos e familiares. Foi também assim que surgiu o convite para ilustrar os livros com os anjinhos. "O meu colega Paulo Bandeira escreveu uma história sobre os filhos. O primeiro foi o Gabriel, depois o Miguel e neste momento está em produção o Rafael. E pediu-me que fizesse um anjinho para despertar a curiosidade da editora. Fiz a capa. A editora, quando viu, gostou muito e sugeriram que eu fizesse o resto, pois não procuravam ilustradores profissionais", conta.

Os livros que ilustrou têm-na levado a algumas escolas para realizar ações com as crianças. "Há escolas que adotaram o livro, porque, em especial o segundo, trata de temas de bullying", afirma. A experiência



PREFERÊNCIAS

LIVRO Os livros que mais marcam são os da infância, como o *Sótãos Furados*. Na idade adulta não esqueço *A Cidade e as Serras* ou *Mau Tempo no Canal*.

FILME *Antes do Amanhecer*.

VIAGEM (FEITA) Nova Iorque.

VIAGEM (A FAZER) Marrocos.

REFÚGIO Serra da Arrábida... Um verdadeiro refúgio, como já o poeta Sebastião da Gama lhe chamava.

COR Azul.

PERSONALIDADE Papa João Paulo II, um homem de uniões.

PRATO Salmonetes grelhados (de Setúbal), carne com castanhas (receita que a minha avó fazia muitas vezes).

com os alunos tem sido muito enriquecedora e, para além do ar maravilhado com que as crianças ficam depois de verem aparecer as expressões nas caras de anjo, as perguntas que lhe fazem deixam-na com um rasgado sorriso. "Para mim, a melhor de todas foi a de um rapaz que perguntou 'quando se engana, tenta apagar ou faz outra vez?'. Eu achei que aquela era uma alma torturada, pobre criança, já lhe devia ter acontecido e tinha ficado sem saber o que fazer!"

Para criar uma ilustração, faz um esboço a lápis, capta a expressão que quer e depois fixa-a com tinta da china. De seguida pinta com lápis ou aguarelas. Para si, o desenho é a forma perfeita de transmitir mensagens e de fazer críticas, por

isso admira cartoonistas como Augusto Cid e Ronald Searle, que com poucos traços transmitem uma ideia.

Os desenhos estão presentes no seu dia a dia. "Estou numa reunião e não há um livro ou um caderno que não tenha um desenho", comenta. E para prová-lo folheou as suas notas, de onde pudemos saltar de ilustração em ilustração, com muito humor. "Desenhar ajuda-me a concentrar", acrescenta. Há muito que se apercebeu de que para desenhar e pintar a sério teria de ser uma escolha de vida, "como diria o meu tio-avô, que era pintor, 'olha, Ana Rita, isto de ser artista não é compatível com a vida doméstica'", conta em tom de brincadeira. "Mesmo estes desafios que vou aceitando são difíceis", acrescenta.

Ana Rita Andrade transmite energia positiva e muita emotividade em cada conversa; vê-se que tem uma alegria natural que gosta de partilhar. No Direito e no desenho é movida pelo prazer de fazer os outros um pouco mais felizes. "Nunca tinha pensado nisso... mas na verdade vivo estas duas paixões um bocadinho ao serviço dos outros", comenta com satisfação. "Na advocacia gosto de vencer, repor a justiça das coisas, voltar a dar a alguém aquilo que era dela. Há um sentimento de distribuição." No desenho, gosta de fazer as pessoas sentirem-se alegres e especiais. "Acabo por desenhar sempre mais para quem eu sei que gosta muito. Se eu fizer um desenho para alguém e essa pessoa ficar indiferente, não ficar contente, nem triste, nem nada, então não valeu a pena. A indiferença não serve para mim nem na vida nem nos desenhos!", conclui. ■